


## Conservadorismo e feminismo: representações da mulher em tirinhas de Mafalda /

## Conservatism and feminism: representations of women in Mafalda Comic Strips

Rafaela Santos Rosa\*

Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe

 <https://orcid.org/0000-0003-0877-0141>

Fabio Elias Verdiani Tfoundi\*\*

Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da UFS. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da UFS. Doutor em Letras Pela Universidade Estadual Paulista Jílio de Mesquita Filho.

 <https://orcid.org/0000-0001-9694-4628>

**Recebido** em: 04 jan. 2022. **Aprovado** em: 23 fev. 2022.

### Como citar este artigo:

ROSA, Rafaela Santos; VERDIANI TFOUNI, Fabio Elias. Conservadorismo e feminismo: representações da mulher em tirinhas de Mafalda. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 24-43, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8354132>

### RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar as práticas discursivas nas tirinhas de Mafalda, produzidas pelo humorista gráfico argentino Quino, que permitem uma reflexão acerca do papel da mulher na sociedade, da ideologia e do humor presentes nesse processo. O *corpus* deste trabalho é composto por cinco tirinhas de Mafalda retiradas do livro *Toda Mafalda* (2003). O trabalho pretende compreender as ideologias e representações da mulher na sociedade presentes no *corpus* selecionado, e analisar como o humor constrói efeitos de sentido. Serão abordados os enunciados das personagens Raquel, Mafalda e Susanita que, apesar de manterem um vínculo de amizade ou parentesco, possuem discursos e ideologias diferentes. A análise foi desenvolvida à luz da teoria e do método da Análise do discurso fundada por Michel Pêcheux. Alguns conceitos como o de formação discursiva, feminismo e machismo, do imaginário sobre a mulher, bem como a ideologia, o deslizamento de sentidos e a metáfora foram trabalhados também. É importante salientar que, mesmo sendo produzidas nos anos 1960 e 1970, as tirinhas de Mafalda não deixaram de ser relevantes e atuais. Além disso, o trabalho permite uma reflexão sobre o aparelho ideológico família e seu papel na reprodução/transformação das relações sociais. Nas conclusões discutimos os problemas de se conceber o aparelho ideológico *família* a partir do funcionalismo sociológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Humor; Ideologia; Mafalda; Mulher.

\*

 [rafaelasantosrosaaa@gmail.com](mailto:rafaelasantosrosaaa@gmail.com)

\*\*

 [fabiotfoundi@hotmail.com](mailto:fabiotfoundi@hotmail.com)

#### ABSTRACT

*This work proposes an analysis about the discursive practices in Mafalda's comic strips, produced by the Argentinian graphic humorist Quino, which allow a reflection on the role of women in society, ideology and humor present in this process. The corpus of this work is composed of five strips by Mafalda taken from the book *Toda Mafalda* (2003). The work intends to understand the ideologies and representations of women in society in the selected corpus, and to analyze how humor builds meaning effects. The statements of the characters Raquel, Mafalda and Susanita will be addressed, who, despite maintaining a bond of friendship or kinship, have different discourses and ideologies. Some concepts such as discursive formation, feminism and machismo, the imaginary about women, as well as ideology, the sliding of meanings and metaphor were also worked on. It is important to point out that, even though they were produced in the 1960s and 1970s, Mafalda's comic strips were still relevant and current. In addition, the work allows for a reflection on the ideological family apparatus and its role in the reproduction/transformation of social relations. In the conclusions we discuss the problems of conceiving the ideological apparatus of the family from the point of view of sociological functionalism.*

**KEYWORDS:** *Discourse; Humor; Ideology; Mafalda; Women..*

## 1 Introdução

As tirinhas de Mafalda lançaram no mundo mais que apenas personagens ficcionais: eles carregam em seus enunciados efeitos de sentido sobre questões sociais, ideológicas, históricas e culturais. Mesmo que tenham sido produzidas a partir dos anos 1960 e 1970, as tirinhas de Mafalda tratam de assuntos que ainda hoje estão em pauta seguindo um padrão humorístico que apresenta críticas de forma inteligente.

Sucesso não só em seu lugar de origem, na Argentina, as tirinhas de Mafalda alcançaram (ontem e hoje) o público de outros países, inclusive do Brasil. Obras como *Toda Mafalda*, (Quino 2003), entre outros livros são lidos até hoje, além das tirinhas. Quino trata de diversos temas polêmicos, retrata problemas políticos, sociais e culturais da época, através do humor como forma de contestação dos valores sociais vigentes. As tirinhas, apesar de produzidas nos anos 1960 e 1970, nos permitem relacionar situações daquela época ao contexto atual no qual vivemos, em pleno século XXI. Assim, torna-se atual a leitura das tirinhas, bem como relevante a análise que aqui estamos propondo.

As piadas são uma ótima fonte “[...] para tentar reconhecer (ou) confirmar diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados” (POSSENTI, 1988, p.25). Assim, seguido o autor, podemos afirmar que as tirinhas de Mafalda são permeadas por essas manifestações, visto que tratam de diversos temas dessa ordem. Com a junção da linguagem verbal com a linguagem não verbal, Quino proporcionou uma linguagem polissêmica, com abertura à falha, ao equívoco e a inúmeras interpretações.

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos envolvendo uma reflexão sobre a posição da mulher na sociedade a partir da ideologia e do humor, sustentado pela corrente teórica da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa, possibilitando-nos trabalhar em busca dos efeitos de sentido e de suas determinações histórico-sociais, o imaginário sobre a mulher e as posições ideológicas e discursivas das personagens entendendo, a partir disso, a linguagem como produção social, levando em consideração a exterioridade do sujeito.

## 2 Aspectos teóricos

A análise do discurso é uma disciplina de interpretação “[...] que coloca a interpretação em questão” (ORLANDI, 2002, p. 25). O gesto teórico da AD é o de colocar a leitura “em suspenso” (ORLANDI, 2002, p. 25), visto que questiona abordagens como a hermenêutica e a análise de conteúdo. Em relação a essas abordagens, a AD questiona a transparência da linguagem, a ideia de uma verdade por trás do texto, a ideia de uma mensagem, e também não trabalha tentando responder à questão: “O que o autor quis dizer?” Como a linguagem não é transparente, e não é possível atravessá-la com os olhos, ante a opacidade dos sentidos cabe ao analista “[...] compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos” (ORLANDI, 2002, p. 26). Por isso a AD pergunta quais os efeitos de sentido que uma materialidade pode gerar. Os textos e outros objetos simbólicos já carregam em si uma interpretação da realidade, e o analista deve compreender e questionar os gestos de interpretação aí presentes como evidentes portanto: “Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.” (ORLANDI, 2002, p. 26).

Como tratamos de efeitos de sentidos, esses efeitos estão sempre inseridos em uma ideologia. Como afirma Orlandi (2002, p. 47) “[...] não há sujeito sem ideologia”, de forma que a ideologia é constitutiva de qualquer gesto discursivo.

Assim, os textos são carregados de ideologia e são perpassados por representações. Pretendemos analisar aqui, a forma como a mulher é retratada nos quadrinhos de Mafalda; as ideologias presentes e as posições ideológicas assumidas pelas personagens, bem como qual sua relação com as formações discursivas (FD) presentes nos quadrinhos.

A interpelação ideológica acontece através da identificação do sujeito com a FD pois: “[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina.” (PECHEUX, 1995, p. 214). Assim, perguntamos: as personagens<sup>1</sup> se filiam (identificam) ou não às FDs presentes? Elas questionam essas FDs? Na classificação estabelecida por Pêcheux (1995), podem ser consideradas “Bons sujeitos”? “maus sujeitos”?

Pêcheux (1995) elaborou três formas de o sujeito se relacionar com a formação discursiva, sendo elas: a) a identificação na qual o sujeito da enunciação assume para si todos os valores da formação discursiva, existindo um recobrimento total<sup>2</sup> (criticado pelo próprio Pêcheux (1995) no anexo III de Semântica e Discurso intitulado “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”) entre o Sujeito Universal e o sujeito da enunciação. b) a contra identificação, na qual o sujeito ainda está identificado com a FD que o domina, mas faz críticas locais a ela, não mudando de posição. Este seria o mau sujeito; c) a última modalidade é a contra identificação na qual o sujeito, ao ser afetado por saberes de tipo novo não mais se identifica com a FD que o domina e muda de posição, passa a se identificar com outra FD. Conforme Grigoletto:

[...] nessa terceira modalidade, diferente da primeira e da segunda, o sujeito, ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina, produz um movimento de desidentificação, o que significa que ele pode romper com a Formação Discursiva em que se inscreveu e, conseqüentemente, se identificar com outra FD e sua respectiva forma-sujeito (GRIGOLETTO, 2005, p. 3-4).

Ao analisarmos como o discurso se materializa nas tirinhas, pretendemos adotar a relação que Pêcheux e Fuchs (1993) fazem entre formações ideológicas e representações. Para nós essa abordagem permite compreender os sentidos do imaginário sobre a mulher e as sobre as posições que ela pode ocupar na sociedade atual. Sobre a relação entre formações ideológicas e representações, Pêcheux e Fuchs afirmam:

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento [...] suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto

---

<sup>1</sup> Uma alternativa à nossa abordagem, que trata da enunciação das personagens, seria interpretar como o autor cria certos tipos/personagens o que resulta gerar certos efeitos de sentido, entre os quais destacamos a crítica, e a contestação nas enunciações da personagem principal (Mafalda).

<sup>2</sup> Em “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” Pêcheux (1995) revê essa discussão e afirma que mesmo a identificação plena não se dá sem resistência.

complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. Somos levados, assim, a nos colocar a relação entre ideologia e discurso. (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166).

Assim, ao perguntarmos quais as representações da mulher e seu papel na sociedade, podemos compreender os diferentes imaginários presentes nas tirinhas de Mafalda bem como as tomadas de posição (das personagens) que são sempre ideológicas. Podemos questionar: a) Qual a crítica da personagem Mafalda ao papel conservador e tradicional da mulher na sociedade? b) Qual a posição dela em relação a essa imagem? c) Qual a posição das outras personagens em relação à figura conservadora e tradicional da mulher?

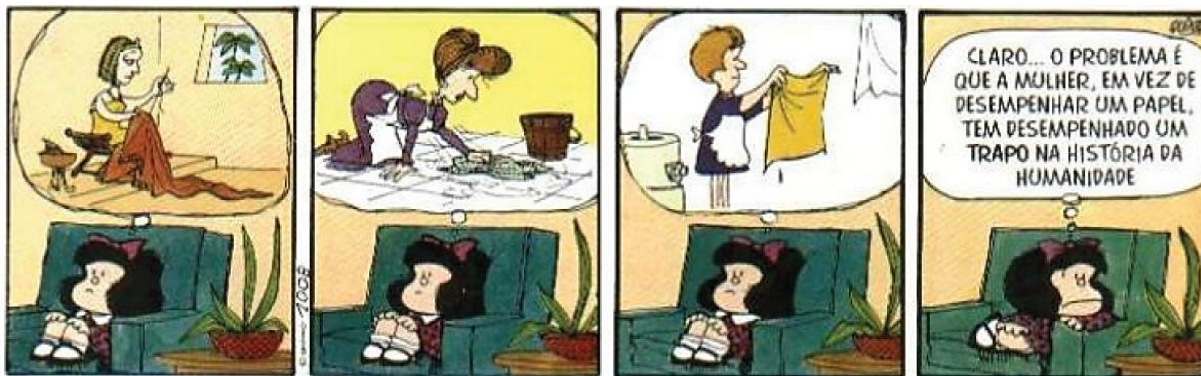
### 3 Análise do *corpus*

Analisaremos as tirinhas selecionadas levando em conta o verbal e o não verbal, e especialmente, os enunciados das personagens Mafalda, Susanita e Raquel (mãe da Mafalda) que, apesar de estabelecerem algum tipo de laço afetivo, seja de amizade ou de parentesco, possuem os enunciados atravessados por ideologias diferentes, como veremos a seguir. O humor também foi levado em conta na interpretação dos sentidos presentes nas tirinhas. Nosso *corpus* consiste de cinco tirinhas do livro “Toda Mafalda” (QUINO, 2003), cuja seleção foi realizada em função de permitirem uma leitura interpretação e análise de questões sobre a representação da mulher, bem como do posicionamento das personagens em relação a essas representações. Assim o *corpus* foi selecionado a partir das perguntas levantadas pelos pesquisadores, pois:

Atualmente considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. (ORLANDI, 2002, p. 63)

Vejamos então a primeira tirinha:

Figura 1



Fonte: Toda Mafalda. QUINO (2003, p. 217).

Podemos observar nesta tirinha, Mafalda e balões do seu pensamento que mostram a mulher em diversas atividades domésticas: costurando, limpando a casa, lavando roupa; até que no último quadrinho aparece o resumo do seu pensamento: “Claro... O problema é que a mulher, em vez de desempenhar um papel, tem desempenhado um trapo na história da humanidade.” (QUINO, 2003, p. 217). Mafalda, em sua fala, traz uma metáfora, uma substituição de “papel” por “trapo” para definir como é vista a posição social da mulher na história da humanidade.

Existe aí um Efeito metafórico/deslizamento de sentido, que pode ser compreendido através da construção de paráfrases (o trecho “em vez de” é decisivo nessa metáfora (um sentido por outro):

“EM VEZ DE DESEMPENHAR UM PAPEL”<sup>3</sup>



“TEM DESEMPENHADO UM **TRAPO**” (Negrito do autor).

Nessa metáfora, Papel desliza para trapo. Orlandi (2002) afirma que não há sentido sem metáfora. Assim, as palavras não possuem um sentido próprio, presas à literalidade de si próprias. Orlandi (2002, p.44) ainda traz o conceito de metáfora como “[...] a tomada de uma palavra por outra [...] ela significa, basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam”. A metáfora é constitutiva do sentido e contribui para o sentido do texto. O efeito metafórico é decisivo para a compreensão e para o efeito cômico da tirinha.

Mafalda enxerga a desvalorização na forma como a mulher é vista pela sociedade: uma pessoa que acumula os afazeres domésticos para si e que, aparentemente, só serve pra isso,

<sup>3</sup> Usamos caixa alta como na tirinha.

virando um trapo de tanto trabalhar na rotina de dentro de casa e desempenhando, conseqüentemente, um papel também de trapo, e não de protagonismo, na sociedade.

O humor se constitui a partir da finalização da tirinha, que nos surpreende, já que não esperávamos tal constatação a respeito do papel que a mulher vem desempenhando na sociedade vindo ainda mais de uma criança. A fala e as expressões de Mafalda remetem a uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, bem como, mostram sua tomada da posição em relação a não concordar com o que ela acabou concluindo no último quadrinho.

Os sentidos do imaginário da mulher na sociedade atual retomam a memória da divisão sexual do trabalho na qual as tarefas domésticas e de pouco valor social são atribuídas às mulheres. A situação específica das mulheres é destaque em Federici (2017, p. 26):

Enquanto Marx examina a acumulação primitiva do ponto de vista do proletariado assalariado de sexo masculino e do desenvolvimento da produção de mercadorias, eu a examino do ponto de vista das mudanças que introduziu na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho. Daí que a minha descrição da acumulação primitiva inclui uma série de fenômenos que estão ausentes em Marx e que, no entanto, são extremamente importantes para a acumulação capitalista. Entre esses fenômenos estão: i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores.

Assim, a mulher que “desempenha um trapo” (menos que um papel) na sociedade é uma mulher bem ajustada (assujeitada) ao discurso da divisão social do trabalho e do lugar estabelecido para ela nesse contexto. Essa mulher seria o bom sujeito descrito por Pêcheux: aquele que se identifica com a formação ideológica na qual está inserida.

Para Pêcheux e Althusser, a ideologia não consiste apenas em ideias, mas em práticas dentro de um aparelho ideológico dado. Assim, as práticas de Raquel tal como presentes no pensamento de Mafalda indicam, através da prática, uma manutenção não questionada da ideologia. Sobre isso, Althusser afirma:

[...] nós falaremos de atos inseridos em *práticas*. E pretendemos assinalar que essas práticas são regidas por *rituais* em que elas se inscrevem, dentro da *existência material de um aparelho ideológico*, nem que seja numa pequena parte desse aparelho: uma pequena missa numa igreja, um funeral, um joguinho num clube esportivo, um dia de aula, uma reunião de partido político etc. (ALTHUSSER, 1999, p. 130).

Considerando a família como um aparelho ideológico (Althusser, 1999) nas tirinhas se materializa o imaginário da mãe executando tarefas domésticas. Sua própria realização no cotidiano sustenta através do próprio sujeito explorado, as condições de sua exploração. A crítica e o questionamento de Mafalda também se encaixam na medida em que diferentes discursos circulam dentro de um aparelho de estado, motivo pelo que Pêcheux (1995, 1999) enfatiza que nos AIE são dadas as condições de reprodução, mas também de transformação das formações sociais e econômicas.

Seguimos com a próxima tirinha:

Figura 2



Fonte: Toda Mafalda. QUINO (2003, p. 298).

A tirinha inicia com Mafalda observando a mãe fazendo as tarefas domésticas. Percebemos pela sua expressão facial um descontentamento com a realidade na qual a mãe dela está inserida. Quando ela resolve falar e não só observar sua mãe, ela pergunta se a capacidade de vencer ou fracassar na vida é hereditária. A linguagem não verbal é essencial para nossas análises, já que representa parte importante na composição e produção dos sentidos dos enunciados. Nesse sentido, continuamos a observar que a expressão de Mafalda passa descontente a questionadora e, finalmente, assustada com a possibilidade de receber uma resposta positiva sobre o que perguntou à sua mãe.

Podemos aqui destacar a existência de teorias que abordam a reprodução social (ALTHUSSER 1999; BOURDIEU; PASSERON, 2014), ou seja, a “hereditariedade” de posição social na qual, por exemplo, o filho do operário tende a ocupar um lugar igual ou equivalente ao do seu pai. Nesse sentido, não haveria mobilidade social nem mudança, mas apenas manutenção do modelo vigente pela geração seguinte. Althusser (1999) aborda essa questão da reprodução



no sistema capitalista como essencial para manutenção da hegemonia da classe dominante em detrimento da classe dominada, para sobrevivência do próprio sistema capitalista.

Em outros termos o papel da família dentro das condições do capitalismo é o de reproduzir as relações de trabalho, repetindo as contradições das gerações anteriores. A reprodução biológica (sexual) faz surgir novos sujeitos presos às posições sociais desde o nascimento.

Raquel reproduz o modelo de mulher desejável na sociedade capitalista, se identificando com essa ideologia e essa formação ideológica, e se constituindo no bom sujeito. Enquanto Mafalda é a representação materializada da contestação dos valores sociais que a mulher recebe no capitalismo estando ela numa relação de crítica com a ideologia da redução e do assujeitamento, o que pode colocar Mafalda, não na posição de mau sujeito, aquele que realiza a crítica de dentro da mesma posição ideológica, mas ao contrário: existe um embate de posições indiciando uma desidentificação da personagem em relação à ideologia machista desde outra posição que assume. O humor, nesse caso, se dá pelo fato de que Mafalda, mesmo tão criança, demonstra preocupações reais quanto a repetir o mesmo modelo de mulher que sua mãe é, ou seja, se isso fosse hereditário, a menina estaria fadada a ter a mesma vida de sua mãe que ela mesma critica. Existe então uma confusão entre a reprodução biológica com a reprodução das forças de trabalho. O sujeito, de uma posição alienada não é capaz de ter consciência das forças sociais que determinam a reprodução da força de trabalho.

Assim, através do humor com medo da “hereditariedade”, o efeito é de ao menos colocar ao longe, através de uma pergunta, se “a capacidade de vencer ou fracassar na vida é hereditária”. A dúvida poderia abrir espaço para a falha no ritual sempre posto e repostado da reprodução para quem sabe apontar um possível caminho diferente para as mulheres (e homens) na sociedade. Como Pêcheux dizia, no interior dos aparelhos ideológicos não existem apenas forças reprodutoras, mas também transformadoras, trabalhando então as possibilidades da reprodução/transformação dentro de um aparelho dado.

Com o advento do feminismo, ideologia que perpassa os enunciados de Mafalda, há o poder de escolha entre ser dona de casa exclusivamente ou preferir ter uma profissão, como também o de escolher casar ou não, ter filhos ou não. Não existe um único modelo a ser seguido como em um passado não muito distante.

A produção em teoria feminista é muito grande e vem de longa data. Como nosso objetivo não é o de realizar um panorama desse campo, mas de analisar as tirinhas de Mafalda, trazemos sucintamente dois comentários sobre o feminismo liberal e o feminismo anticapitalista.

Em entrevista a Alba Moraleda, para o jornal El País<sup>4</sup>, Federici responde um questão: “Você pode ser feminista e não ser contra o capitalismo?”

R: Não. Você não pode. O feminismo não é uma escada para as mulheres melhorarem sua posição, entrarem em Wall Street, não é uma maneira de elas encontrarem um lugar melhor dentro do capitalismo. Sou totalmente contra essa ideia. O capitalismo cria continuamente hierarquias, diferentes formas de escravização e desigualdades. Então, você não pode pensar que com base nisso você pode melhorar a vida da maioria das mulheres ou homens. Feminismo não é só melhorar a situação das mulheres, é criar um mundo sem desigualdade, sem exploração do trabalho humano que, no caso das mulheres, se torna uma dupla exploração. (FEDERICI em entrevista a Alba Moraleda. El país. 20 mar. 2019. Disponível em: [https://elpais.com/elpais/2019/03/20/mujeres/1553071085\\_109576.html](https://elpais.com/elpais/2019/03/20/mujeres/1553071085_109576.html))

Sobre o mesmo tema, Davis comenta:

Desde a ascensão do capitalismo global e das ideologias associadas ao neoliberalismo, tornou-se particularmente importante identificar os perigos do individualismo. As lutas progressistas – centradas no racismo, na repressão, na pobreza ou em outras questões – estão fadadas ao fracasso se não tentarem desenvolver uma consciência sobre a insidiosa promoção do individualismo capitalista. (DAVIS, 2018, p.20)

Logo, existe um feminismo se apresenta como um fator que rompe com o modelo de reprodução social perpetuado pelo capitalismo. Mas, podemos dizer que o capitalismo também promove o feminismo, a produtividade maior da família, a utilização de equipamentos que tornam as tarefas domésticas menos mortificantes e liberam o tempo da mulher. O ponto é que não existe um único feminismo. Esse de que falamos agora é o feminismo liberal, que deve ser o hegemônico, pois aparece nos meios de comunicação, no aparelho escolar e etc.

Analisemos a tirinha 3:

### Figura 3

---

<sup>4</sup>Trecho original em Espanhol: P. ¿Se puede ser feminista y no estar en contra del capitalismo?

R: No. No se puede. El feminismo no es una escalera para que la mujer mejore su posición, que entre en Wall Street, no es un camino para que encuentre un lugar mejor dentro del capitalismo. Soy completamente contraria a esta idea. El capitalismo crea continuamente jerarquías, formas diferentes de esclavización y desigualdades. Entonces, no se puede pensar que sobre esta base se pueda mejorar la vida de la mayoría de las mujeres, ni de los hombres. El feminismo no es solamente mejorar la situación de las mujeres, es crear un mundo sin desigualdad, sin la explotación del trabajo humano que, en el caso de las mujeres, se convierte en una doble explotación. . Disponível em: [https://elpais.com/elpais/2019/03/20/mujeres/1553071085\\_109576.html](https://elpais.com/elpais/2019/03/20/mujeres/1553071085_109576.html) Acesso em 25 de fev. de 2022.



Fonte: Toda Mafalda. QUINO (2003, p. 306).

Nesta tirinha, observamos a personagem Susanita que pergunta se Mafalda tinha ficado louca por, provavelmente, falar sobre ela ter alguma profissão, além de ser dona de casa, cuidar dos filhos e do marido. Pelas expressões de Susanita, que podemos observar na linguagem não verbal da tirinha, ela não concorda com essa ideia de Mafalda, bem como critica as mulheres em geral que trabalham fora de casa, em “coisas de homem”, como ela mesma fala.

Susanita é uma das personagens de Quino que, diferentemente de Mafalda, sonha em casar-se, ter filhos, cuidar da casa, dos filhos e do marido, é o estereótipo da mulher burguesa conservadora e tradicional, sem autonomia, submissa e que deseja pertencer a uma classe social elevada, por isso quer um casamento com um homem rico. A ideologia machista é bem presente em suas falas, a exemplo da tirinha acima.

A bem sucedida internalização do discurso machista corrente na sociedade, no qual a boa moça não trabalha fora, ao contrário: ela casa, tem filhos e cuida de ambos, indica que Susanita é identificada com essa formação discursiva, que se coloca como bom sujeito (Pecheux, 1995) no discurso tradicional sobre a mulher. Ao mesmo tempo, vemos também um embate de posições, pois ela critica as mulheres que fazem isso, chamando-as de “afeminadas”, Susanita também se encontra assujeitada pela ideologia dominante, o machismo. O uso do significante “Afeminadas”, nesse caso, revela que há a perda de feminilidade, que é característica da mulher, a partir do momento que começa a trabalhar em “coisas de homem”, ou seja, a mulher deixa de ser vista como mulher só por estar exercendo um trabalho diferente do trabalho doméstico.

Existe o pensamento de que o lugar da mulher é dentro de casa, cuidando da casa, dos filhos e do marido e isso é algo construído culturalmente. O machismo está enraizado em nossa sociedade patriarcal, na qual a divisão das tarefas em “coisas de homens” e “coisas de mulheres” é algo estigmatizado e que ocorre ao longo de toda a história da humanidade. O feminismo surge

para que haja uma relação mais igualitária entre homens e mulheres, já que o sexo feminino sempre é visto como inferior ao masculino.

Assim, Susanita assume a posição de um sujeito que coloca em prática os discursos atravessados pela ideologia machista. Ao rotular as mulheres que trabalham em “coisas de homem” de “afeminadas” e, no quadrinho anterior dizer que ser dona de casa e fazer as tarefas domésticas é que faz a mulher ser mulher, ela usa em seus enunciados formações discursivas que são influenciadas pela ideologia a qual ela se assujeitou e logo, os sentidos do que ela diz também são determinados ideologicamente. Colocando-se em uma posição de “recobrimento com o sujeito universal do discurso” tradicional, Susanita não é capaz de duvidar nem criticar. Existe nela uma forte certeza.

Sem aprofundar a questão, podemos afirmar que Susanita está criticando certos ideais do eu (Freud, 2011) caros à posição de Mafalda como “Ter profissão”, “ser engenheira” “ser médica”. Como afirma Silveira (2010), o ideal do eu é uma instância psíquica ideológica (também tratada por Freud (2011) como superego no texto “O eu e o id”), sendo o representante do social no aparelho psíquico. Assim, a crítica a esses ideais é uma crítica ideológica, vinda de outra posição ideológica e discursiva, a qual sustenta outros ideais do eu. O que está em jogo aqui é a representação de o que a mulher “deve ser”. Esse *dever ser* revela o aspecto superegóico da ideologia, na medida em que não se trata de algo a que o sujeito aspira ser, mas algo que ele deve ser, uma imposição de fora.

Seguindo adiante, eis a tirinha 4:

**Figura 4**



Fonte: Toda Mafalda. QUINO (2003, p. 174).

A tirinha mostra, inicialmente, Mafalda chegando em casa e Raquel já perguntando como tinha sido na escola naquele dia. Os quadrinhos prosseguem mostrando Mafalda indo em direção a sua mãe, que está na cozinha, passando pela casa, vendo as tarefas domésticas que sua mãe tinha feito no tempo em que esteve na escola. Mafalda responde dizendo que aprendeu “um monte de coisas novas” de forma entusiasmada, o que demonstra um desejo pelo conhecimento e pela mudança de condição que ele pode trazer para ela.

Mafalda, assim como Raquel lhe perguntou como tinha sido na escola, também perguntou a ela como tinha sido naquele “antro de rotina”. A tirinha finaliza com essa pergunta de Mafalda e a expressão não contente de sua mãe. Os nossos discursos não são apenas palavras soltas, eles carregam sentidos, conforme explica Orlandi (1987, p. 52), “[...] nada na linguagem é indiferente ao sentido: as palavras, a construção, a ordem, o tom, o estilo.”. Assim, ao usar a expressão “antro de rotina” Mafalda expressa sua crítica velada, provocando o humor da tira.

“Antro de rotina” nos remete ao fato de que as mulheres, todos os dias, têm a mesma rotina dentro de casa: limpar, passar, arrumar, lavar e, devido a essa rotina que toma todo o tempo da mulher, ela perde a oportunidade de conhecer coisas novas ou novas formas de existência enquanto sujeito, limitando o papel da mulher apenas a esposa, mãe e dona de casa.

O capitalismo contribui bastante para isso, pois é no início do capitalismo que surge a figura da dona de casa, sendo um trabalho não remunerado e desvalorizado. Consoante afirma Davis (2016, p.214), os adjetivos que melhor capturam a essência da natureza das atividades domésticas são “Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas”. O mesmo processo que Marx descrevia para os operários<sup>5</sup> se aplica ao trabalho doméstico das mulheres.

<sup>5</sup> Para aprofundar essa discussão, em trabalhos futuros, procuraremos tratar da diferença entre trabalho produtivo e improdutivo em Marx.

Raquel é posta no lugar do bem sujeito, aquele que adequa ao assujeitamento, no entanto a fala de Mafalda é capaz de, por um momento, suspender essa posição, pois se vê no olhar da mãe que os sentidos trazidos por Mafalda tiveram um efeito consternador na mãe, embora isso não mude nada, é uma pequena falha no ritual, que poderia permitir um reposicionamento do sujeito.

Vemos assim que o AIE família não vive em uma inércia de mera reprodução social, mas que no seu interior pulsa a possibilidade da transformação, pois os aparelhos não são homogêneos (nem a-históricos nem sem contradições), mas sim o lugar do choque de posições. Sobre isso, Pêcheux afirma:

Isso gera um segundo erro, gêmeo do primeiro, que diz respeito à natureza dessa contradição e opõe a reprodução à transformação, tal como a *inercia* opõe-se ao *movimento*: a ideia de que a reprodução das relações de produção não requer explicação, porque elas "funcionam espontaneamente", *desde que sejam deixadas em paz*, desconsideradas as *falhas e imperfeições* do "sistema", é uma ilusão eternizante e antidialética. (PECHEUX, 1999, p. 146)

Explorando um pouco os sentidos do termo *antro*<sup>6</sup> no Google<sup>7</sup>, encontramos o seguinte (Img. 01):

---

<sup>6</sup> <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=antro>>. Acesso em 04 jan. 2022.

<sup>7</sup> Os resultados para significados no Google são fornecidos pela a Oxford Languages, como se vê na imagem. Ver nos links: < <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> acesso 24 fev. 2022

e < <https://support.google.com/websearch/answer/10106608?hl=pt-BR>> acesso 24 fev. 2022



(Img. 01) Significado de antro.  
Fonte: Google e Oxford Languages.

Outras paráfrases (Pêcheux e Fuchs, 1993) que podemos construir com o termo *antro* a fim de compreendermos a matriz de sentidos (Pêcheux e Fuchs, 1993) e a FD na qual ele se insere:

Antro de perversão.

Antro de vício.

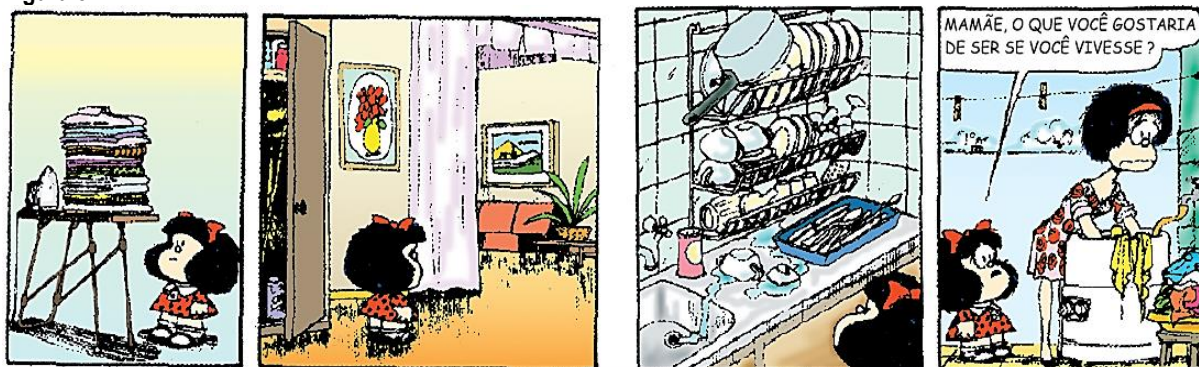
Antro de prostituição.

Antro de rotina (QUINO, 2003, p.174)

Vemos nas paráfrases, que os sentidos de local asqueroso, corrupto e degenerado deslizam para o próprio lar, lugar da família por excelência. Desse modo, que o lar, lugar da família que em um discurso tradicional é representado como lugar das virtudes morais, passa a ser significado de modo bastante negativo, devido ao termo que lhe complementa: rotina. A rotina do lar, modo de reprodução e existência da família na sociedade é vista como negativa. O lar seria um antro de rotina: algo negativo e que deve ser evitado. O discurso é o de crítica à família, à rotina e à visão tradicional de lar.

Sigamos com a tirinha 5:

Figura 5



Fonte: Toda Mafalda. QUINO (2003, p. 228).

Mafalda, ao observar as tarefas domésticas que sua mãe realiza todos os dias: passar, limpar, lavar, pergunta a sua mãe o que ela gostaria de ser se vivesse. Por ter um discurso atravessado por uma ideologia feminista, Mafalda resiste aos discursos que pré-definem o lugar da mulher como sendo dona de casa, mãe e esposa, como já vimos anteriormente na análise de outro recorte.

A pergunta nos remete a algo que escutamos quando crianças sobre o que vamos ser quando crescer, mobilizando a nossa memória discursiva, bem como o conceito de dito e não-dito. Assim, quando Mafalda faz a pergunta a Raquel, há uma margem para a nossa interpretação envolvendo a nossa memória discursiva, levando em consideração um outro discurso que já foi dito anteriormente.



Nas entrelinhas do que Mafalda pergunta, também encontramos o sentido do que não é dito explicitamente por ela, já que “[...] entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço no qual o sujeito se move” (ORLANDI, 1999, p. 85). A menina, ao relacionar o trabalho doméstico com o não viver, mostra que não concorda com a posição na qual sua mãe se encontra como mulher, a qual obedece ao estereótipo da dona de casa.

Mafalda manifesta seu lado contestador ao abordar que esse estilo de vida não é uma forma de viver realmente, tradicionalmente é uma imposição do capitalismo que a contribuição feminina com a sociedade é no trabalho doméstico. Para a personagem, a vida não se resume a cuidar da casa, dos filhos e do marido. Existem possibilidades externas a isso.

No entanto, no interior do discurso capitalista atual a esposa não precisa mais ser apenas do lar. Ela pode trabalhar e cuidar do lar, enfrentar uma jornada tripla, ou contratar uma outra mulher (e aqui o machismo permanece) para cuidar disso enquanto ela trabalha fora. A promoção da escola pública, da creche, de produtos que tornam o cuidado do lar mais fácil (máquinas de lavar roupa, lavar louça, robôs que varrem a casa, produtos para facilitar a limpeza dos banheiros etc.) e liberam a mulher para a tripla jornada.

O humor se dá pelo jogo com a linguagem e pela expressão da mãe, que não esperava por aquela pergunta. Para o leitor é uma reflexão sobre essa condição da mulher na sociedade sustentada pelo capitalismo, pois contribui para a força de trabalho demandada por ele. A crítica aguda e ácida presentes aqui permitem até questionar se existe mesmo um humor, ou se os efeitos de sentido são de outra ordem. A qual tipo de crítica da opressão feminina Mafalda está identificada? A um feminismo liberal? A um feminismo anticapitalista?

Vemos nas tirinhas um discurso de que a mulher deve ter um trabalho fora de casa, não cuidar apenas de lavar, passar, cozinhar e limpar. Mas ela poderia conciliar uma seara com a outra. Esse seria um imaginário liberal da mulher moderna. Assim, pode-se interpretar em Mafalda um discurso contra o machismo, mas, no corpus analisado, não podemos dizer se se trata de um discurso liberal ou de outro tipo.

### **Considerações finais**

Levando em conta a família como um aparelho ideológico de Estado (Althusser, 1999) podemos considerar que as tirinhas são crônicas do nosso tempo nas quais a historicidade

comparece, ou cujos efeitos de sentido permitem ao leitor refletir sobre as práticas “do lar” contemporâneas que, em uma visão conservadora são tarefas da mulher. Assim, nos quadrinhos são colocadas/questionadas as evidências ideológicas das práticas cotidianas.

Ao pensarmos a família como um aparelho ideológico de Estado, lugar no qual se realiza o assujeitamento (a interpelação do indivíduo em sujeito), precisamos recusar juntamente com Pêcheux as leituras “funcionalistas” (PÊCHEUX, 1995, p. 296) dos aparelhos ideológicos do estado. Vejamos:

[...] os ‘aparelhos ideológicos de Estado’ eram lidos [...] como uma tese funcionalista, seja para reproduzi-la, seja para condená-la. E alguns ainda hoje – a despeito de todas as retificações de Althusser, das quais simplesmente não se considera a existência – ir até o fim afirmando que o ‘althusserianismo’ é um pensamento da Ordem e do Mestre, que se institui por uma dupla circunscrição: da História (enclausurada na reprodução) e do sujeito (reduzido ao autômato que anda sozinho). (PÊCHEUX, 1995 p. 296-297)

E em outro texto, Pêcheux e Fuchs apontam:

As relações de produção não estão, de modo nenhum, fixadas numa repetição eterna, como pretende a sociologia funcionalista. Na realidade, e na medida em que as relações de produção correspondem a relações de classe, é conveniente falar de reprodução-transformação das relações de produção. (PECHEUX; FUCHS, 1993, p. 237).

Nossa leitura das citações é a de que os aparelhos de Estado não têm a função de inculcar ideologia, embora seja em seu interior que o inculcamento ocorre. Essa má interpretação do trabalho de Althusser teria duas possíveis consequências como afirma Pêcheux: a) considerar que é positivo que os AEI sejam lugares apenas de reprodução social, e b) Rejeitar a teoria althusseriana enxergando nela um aprisionamento do sujeito.

Nas tirinhas analisadas as representações e os imaginários sobre a mulher que abrangem tanto o imaginário tradicional, no qual ela trabalha em casa (não trabalha fora), faz as atividades do lar como cozinhar, lavar, passar e etc., como também uma concepção de mulher que se choca com a tradicional: a mulher que estuda e que tem uma profissão (tem uma vida). Susanita e a mãe de Mafalda são identificadas com o primeiro modelo, e Mafalda, sempre questionadora, se identifica com o segundo.

O Humor nas tirinhas serve de apoio para o questionamento de Mafalda, constituindo pontos nos quais o ritual ideológico pode fragmentar e desconstruir a Formação discursiva

dominante levando ao questionamento e à desidentificação, permitindo um reposicionamento subjetivo, uma desidentificação com as representações tradicionais de mulher e a assunção de uma nova ideologia sobre a mulher e a sociedade.

Nas tirinhas 1, 4 e 5 a cara de decepção da personagem na última tirinha é um indício não verbal, mas significativa da desconstrução do discurso tradicional sobre a mulher. Essa desconstrução permite ao sentido migrar para outros sítios significantes, de modo que no humor, vemos que a desconstrução vem acompanhada de uma possível migração nas filiações às FDs.

Na tirinha 2 a cara de medo de Mafalda e a decepção da mãe dela indicam o mal estar das posições dos sujeitos. Na tirinha 3, a raiva de Susanita, a ênfase com que defende seu discurso pode ser vista como uma sátira, uma ironia em relação à filiação de Susanita à feminilidade tradicional (“ficou maluca eu ter profissão?”, “Ser médica, engenheira?”).

Assim, o humor permite uma desestabilização nas filiações discursivas colocando em cena uma visão da mulher contraditória e dialética dentro do AIE família, fazendo com que não exista assujeitamento sem falhas e sem possibilidade de revisão das filiações ideológicas.

<b>CRedit</b>
<b>Reconhecimentos:</b> Não é aplicável.
<b>Financiamento:</b> Não é aplicável.
<b>Conflitos de interesse:</b> Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
<b>Aprovação ética:</b> Não é aplicável.
<b>Contribuições dos autores:</b> Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Validação, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: ROSA, Rafaela Santos.  Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: VERDIANI TFOUNI, Fabio Elias.

## Referências

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. (Org.): *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1ª reimpressão, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON J-CL. *Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 2014.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo*. São Paulo: Contexto, 2016.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. De Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. Si soy abolicionista lo soy con todas las formas de explotación del trabajo humano. Entrevista concedida a Alba Moraleda. *El País*. Madrid. 20 mar 2019.  
[https://elpais.com/elpais/2019/03/20/mujeres/1553071085\\_109576.html](https://elpais.com/elpais/2019/03/20/mujeres/1553071085_109576.html). Acesso em 25/fev/2022.

FREUD, S. O eu e o id. In: *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Sigmund Freud Obras completas Vol 16. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

GRIGOLETTO, E. A noção de sujeito em Pêcheux: Uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. *Estudos da Linguagem*. No 1, Vitória da conquista, Jun. 2005, p. 61-67. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978>>. Acesso em 10. out./2019.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. ; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993, p.163-252.

PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed., Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do desconhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1. reimpr. 1999.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SILVEIRA, Paulo. A interpelação ideológica: a entrada em cena da outra cena. *A Peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2010. Disponível em:<<https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12080>>. Acesso em 04/jan/2019.